

A Ilha de Cascaes...100 Anos Depois (1808-2008)

Clique nas imagens para ampliar



Retrato de Franklin Cascaes Desenho em Bico de Pena de Maurílio Roberge

Autor(a): Lélia Pereira da Silva Nunes | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Patrimônio Material e Imaterial

Subtema: Cultura

Referência geográfica do conteúdo: Florianópolis, Brasil

Data de publicação: 03/10/2008

Referência da Primeira Publicação:

Jornal Português Times,in:Crônicas Pedra de Toque.ed.nº1942,10/9

/2008,New Bedford,USA

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

O ano de 2008 assinala o centenário de nascimento do etnógrafo, escultor, folclorista Franklin Cascaes, o bruxo da Ilha. Em homenagem a Franklin Cascaes o artigo objetiva ressaltar a presença do imaginário bruxólico na literatura, na música e nas artes catarinenses onde o nome de Cascaes é sempre lembrado como uma referência incontestável tanto por estudiosos e pesquisadores da cultura popular catarinense quanto pela população catarinense, particularmente pelos habitantes da Ilha de Santa Catarina

CONTEÚDO

**A Ilha de Cascaes...
100 anos de Franklin Cascaes
(1908 -2008)**

Lélia Pereira da Silva Nunes

"(...) Tosca marosca,
rabo de rosca,
agulhão nos teus pés e
e freio na tua boca.
- Por riba do silvado
e por baixo do telhado!
São Pedro, São Paulo, São Fontista.
Dentro da casa, São João Batista
- Bruxa, tatara- bruxa,
tu não me entres nesta casa,
nem nesta comarca toda
- Por todos os santos. Amém!"

(Reza contra Bruxas,recolha de FranklinCascaes)



Balanco Bruxólico Arte Franklin Cascaes



Cavalo da Bruxa Arte de Franklin Cascaes



Boitatá na Ilha Arte de Franklin Cascaes

O ano de 2008 assinala o centenário de nascimento do etnógrafo, escultor,folclorista Franklin Cascaes,o bruxo da Ilha.

Não é sem razão que quando se fala na presença do imaginário bruxólico na literatura, na música e nas artes catarinenses seu nome é sempre lembrado como uma referência incontestável tanto por estudiosos e pesquisadores da cultura popular catarinense quanto pela população catarinense, particularmente pelos habitantes da Ilha de Santa Catarina.

Na obra de Cascaes, o imaginário bruxólico cria corpo, agiganta-se e com força se impõe, estando presente de forma manifesta em toda parte e não mais restrito ao interior da ilha e às conversas de fins de tarde nos barracões de pesca. Populariza-se o termo "bruxólico" forjado por ele e configura-se "o imaginário bruxólico" na literatura, na arte, na música e na vida ilhoa. A Ilha passa a ser conhecida (e sua imagem vendida) quer pela beleza de suas praias, quer por sua magia como Ilha das Bruxas ou Ilha da Magia ou Ilha de Cascaes.

As Bruxas da Ilha estão na literatura enfeitando o leitor; nas artes, os próprios artistas anunciam-se partícipes do Realismo Fantástico Ilhéu - a escola artística de Cascaes; na música, a temática está presente na figura da mulher-bruxa, feitiçeira, que tece a tela da sedução infinita, que faz mil loucuras, aprisionando na rede da pesca, no rendado da paixão.

Como artista, Franklin Cascaes foi autodidacta. Utilizou o seu talento e criatividade em registrar e transmitir através da escrita, do desenho, da escultura e do artesanato o legado açoriano, na ânsia de memorizar o passado, de salvar o patrimônio cultural que se fragmentava frente às exigências da modernidade, que chegava transformando o espaço urbano, descaracterizando o meio rural e espoliando o pescador da sua praia.

Um bruxo, solitário em sua caminhada, por mais de trinta anos recolhendo histórias e estórias, num persistente trabalho de rabisar a mitologia, desenhar a bico-de-pena cenas do cotidiano, crenças e o imaginário ilhéu, moldar na argila os personagens desse cenário insular. Da argila brotaram rostos conhecidos da cidade, do bispo ao governador, do "manezinho" e pescador a rendeira da Lagoa da Conceição.

Cascaes deixou um valioso legado sobre usos e costumes, histórias de bruxarias e magias, além de um acervo riquíssimo de cerâmica figurativa que retratam festas religiosas tradicionais, folguedos populares, crenças e lendas, as alfaias e as tecnologias patrimoniais dos engenhos, da pesca e da agricultura, a labuta diária na criação artesanal de subsistência.

Traduziu melhor do que ninguém o universo artístico, fantástico, mágico que permeava (e permeia) a teia de relações sociais do povo açoriano da Ilha de Santa Catarina. Na sua única obra publicada, O fantástico na Ilha de Santa Catarina (1979 - 1 volume), estão reunidas doze estórias de um conjunto de vinte e quatro. No enredo, temos a narrativa linear do fantástico contado com extrema singeleza por vozes da Lagoa, do Ribeirão da Ilha, do Pântano do Sul e de outras freguesias. O leitor mergulha num torvelinho e de cada página saltam bruxas, feitiçeras, lobisomens, boitatás, benzedeiros com suas rezas e remédios.

"A bruxa que estava sentada no banco da popa da lancha junto da gaiúta, onde o pescador estava escondido, era comadre e prima dele. Ela sabia da presença dele ali, através do seu fado fadórico sobrenatural..."

Ao ser desmascarada suas faces enrubesceram, seus olhos esgazearam e sua fala emudeceu. Recuperando-se, ela afirmou: - Compadre, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramallete de rosas é a Índia. Eu aprendi, na minha escola de iniciação à bruxaria, que lá nos Açores, na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam roubar embarcações e fazer estas viagens extraordinárias entre as ilhas e a Índia."